

Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Santuário da Fátima, Cova da Iria, Composto e Impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.



O próximo dia 25 de Julho é dia de festa para a grande família da Voz da Fátima, para a Diocese de Leiria e íamos a dizer para a Nação.

Passa nesse dia o 25.º aniversário da sagração episcopal de Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor D. José Alves Correia da Silva Venerando Bispo de Leiria.

Peregrinação de Junho, 13

Mais uma vez, de todos os recantos do país, acorreram ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima milhares e milhares de fiéis, para tomar parte nos actos religiosos que ali se realizam, no dia 13 de cada mês, em comemoração das aparições da Santíssima Virgem aos três pastorinhos de Aljustrel, de Maio a Outubro de 1917.

Na véspera à tarde começaram a chegar os veículos que conduziam os peregrinos, especialmente automóveis e camionetas.

A procissão das velas decorreu, como sempre, imponente e piedosa e teve a favorecê-la um tempo tranquilo e ameno. As preces e os cânticos, que se erguiam para as alturas num ambiente de fé viva e de intenso recolhimento, impressionavam e comoviam profundamente a alma. Viam-se no grandioso cortejo nocturno numerosas bandeiras e estandartes pertencentes a diversas confrarias e associações que, juntamente com os milhares de lumes levados pelos peregrinos, lhe davam um aspecto deslumbrante e encantador.

A meia-noite, depois de rezado o Credo em côro pela multidão, iniciou-se, no altar exterior da igreja, a adoração do Santíssimo Sacramento solenemente exposto. Meditaram-se os mistérios gozosos do Rosário, enquanto se rezava o respectivo têço. Prêgou, no intervalo das dezenas, explicando os referidos mistérios, o rev.º P.º Augusto Campos Pinto, director do Apostolado da Oração na diocese do Pôrto.

As 2 horas da madrugada, concluído o turno de adoração geral, organizaram-se outros turnos de adoração que duraram até às 7 horas. Foi então dada a bênção eucarística aos fiéis presentes e encerrado no Sacrário o Santíssimo Sacramento.

Seguiu-se a Missa da comunhão geral, celebrada pelo rev.º P.º António dos Reis, director espiritual do Seminário de Leiria.

Receberam o Pão dos Anjos muitos milhares de fiéis de ambos os sexos.

Ao meio-dia oficial, depois da procissão com a Imagem de Nossa Senhora da Fátima, o rev.º cônego dr. António Antunes Borges, professor de ciências eclesísticas no Seminário de Leiria, celebrou a Missa dos doentes, que foi acompanhada, como de costume, a harmónio e cânticos.

Ao Evangelho prêgou o rev.º P.º Campos Pinto.

Foi o celebrante que deu a bênção eucarística a cada um dos 150 doentes inscritos. Estes eram assistidos pelos srs. drs. Professor Costa Sacadura, Pereira Gens e Pimentel e por dois quartanistas da Faculdade de Medicina de Lisboa.

O Senhor Bispo de Leiria, que assistiu a todos os actos oficiais da peregrinação, benzeu em conjunto os objectos de piedade apresentados pelos peregrinos e concedeu aos fiéis a bênção episcopal, depois de cantado o *Tantum ergo* e de dada a bênção geral com o Santíssimo Sacramento.

Entre as peregrinações organizadas encontravam-se as de Santarém (Associação da Sagrada Família), Pôrto (freguesia do Santíssimo Sacramento), Nevogilde, Proença-a-Nova, Sintra, Murtosa e Santo André de Vagos.

Havia também grupos de peregrinos de Tomar, Carnaxide, Tondela, Tôrres Novas, Caldelas, Paços de Ferreira, Alenquer, Ilhavo, Pombal, Aveiro, Vila da Feira, Eriçeira, Póvoa de Varzim, Arcos de Valdevez, Marinha das Ondas, Quiaios, Alvarenga, Mesão Frio, Lousada e Murtosa, etc.

Os peregrinos começaram a retirar para as suas terras, logo que terminou a segunda procissão com a imagem de Nossa Senhora que recolheu à capela das aparições conduzida aos ombros das Servitas, por entre alas de povo, sob uma chuva de flores e saúdada por milhares de pessoas.

Visconde de Montelo

FESTA DE FAMILIA ESTA NACIONAL

A Diocese estará nesse dia em festa. Em festa está a Voz da Fátima. Não nos podemos esquecer que foi com o seu alento e auxílio que nasceu e com a sua protecção.

A criação dos seminários, a formação e educação do clero, a reorganização das catequeses, a purificação das festas, a renovação dos templos e alfaias do culto, o afevoramento da piedade, a reforma dos costumes e da vida cristã sobretudo por meio das missões e dos exercícios espirituais, as obras de caridade para não falar de outros capítulos marcam uma actividade incansável coroada graças a Deus dos melhores resultados.

Junte-se-lhe o cuidado da boa imprensa, a reunião do sínodo e a publicação das Constituições Diocesanas.

Trabalho e canseiras se tem mantido: A Voz da Fátima é obra do Senhor Bispo de Leiria que, procurando colaboradores, suscitando idéias e animando iniciativas a tem distinguido sempre com um carinho paternal.

Por isso lhe queremos daqui dar os nossos sinceros parabéns.

A Diocese de Leiria

tem razões de sobra para vibrar de entusiasmo agradecendo a Deus 25 anos de vida apostólica tão cheia e tão zelosa que o nome do seu actual Prelado ficará em letras de ouro entre os mais gloriosos dos seus Bispos.

A Acção Católica

não pode ficar indiferente. Pode, na verdade, dizer-se que ao Senhor Bispo de Leiria se deve a feliz inspiração do maior auxílio material e espiritual que a essa obra providencial se tem oferecido na nossa terra através da **Pia União dos Cruzados da Fátima**. Prouvera a Deus que todos, sacerdotes e leigos tivessem compreendido o seu alcance!

Os Cruzados da Fátima e os membros da Acção Católica Portuguesa também tomam parte na festa.

Mas até a Nação

tem o dever de festejar este dia. Homens da envergadura daquele cujas Bodas de Prata episcopais vamos celebrar não são freqüentes. Começou cedo a ser um lutador. Diga-o a **Palavra** o grande diário Católico do Pôrto e o seu Círculo Católico de Operários duas vezes destruído e duas vezes reconstruído.

O seu apostolado no liceu, entre os operários, entre os Universitários e alunos da Escola Poli-

técnica, o uso de conferências com projecções luminosas quando mal disso se falava em Portugal, os seus trabalhos do púlpito e sobretudo a heróica constância, o seu permanente optimismo, a sua bondade irradiante, o amor que pela Fátima tem despertado no mundo para com Portugal fizeram com que bem merecesse da Nação inteira.

Maneira de tomar parte na festa

1.º — Rezando pelo seu Bispo.

2.º — Oferecendo-lhe um ramalhete espiritual para o que podem pedir os respectivos impressos à **Junta Diocesana da Acção Católica de Leiria**

Gráfica — Leiria

a quem os remeterão preenchidos.

3.º — Enviando-lhe cumprimentos oralmente ou por escrito.

4.º — Remetendo à **Junta Diocesana da Acção Católica de Leiria**: a importância que entenderem para a oferta de uma lembrança deste dia.

Mas isto e o constante do n.º 2 até ao dia 20 do corrente o mais tardar.

Não é demais que os Portugueses tratem bem o Prelado que os estrangeiros homenageiam e que a Virgem Santíssima escolheu para 1.º Bispo da Diocese restaurada e guardião do Seu Santuário da Fátima.

Desde este dia e sempre vamos pedindo ao céu que no-lo conserve ainda por muitos anos.

Dominus conservet eum!

Os que se interessarem pela festa vão reparando nas notícias dos jornais.



Visita Ilustre

A Rainha Senhora Dona Amélia de e de todas as individualidades de Orléans veio no dia 8 de Junho em romagem a Nossa Senhora. Acompanhavam Sua Majestade Madame Randal, o Senhor Visconde de Asseca e Doutor João Mendonça chefe do Protocolo. Esperavam a Senhora D. Amélia o Senhor Bispo de Leiria, Governador Civil de Leiria, Governador Civil de Santarém, Presidentes das Câmaras Municipais de Vila Nova de Ourém e Tôres Novas, Comandantes da Polícia de Santarém e Leiria, Comandante Distrital da Legião Portuguesa de Leiria e Director da Empresa de Cimentos de Leiria. O Senhor Bispo de Leiria celebrou missa na Capelinha com a assistência de Sua Majestade

Amélia

MOVIMENTO NO SANTUÁRIO

MAIO

DIA 19—De passagem para a sua terra natal esteve no Santuário onde celebrou a santa missa na Capelinha, Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor D. António Manuel Pereira Ribeiro, Venerando Bispo do Funchal.

—As alunas do Curso do Sagrado Coração de Jesus vieram consagrar-se a Nossa Senhora.

—Vindo de França, Lyon, e dirigindo-se para a sua terra natal, Lima, Peru, passou pelo Santuário o Rev. P.º Gerardo Allarco.

DIA 20—Os alunos e Superiores do Seminário dos Olivais vieram sob a presidência do Rev. Vice-reitor consagrar-se a Nossa Senhora. Passaram parte da noite em adoração diante do SS.ª Sacramento e, no dia seguinte, às 9 horas tiveram missa cantada pelos seminaristas sendo celebrante o Rev. P.º Roberto Thielen, professor de Sagrada Escritura.

DIAS 26 E 27—A Liga da Acção Católica Feminina trouxe nestes dias aos pés de Nossa Senhora cerca de 2.000 senhoras sob a presidência do Sr. Bispo de Helenópolis. Assistiram também aos actos de piedade que se realizaram nestes dias no Santuário, os Srs. Bispos de Leiria e Limira. Dirigia a peregrinação o Rev. Assistente Nacional P.º Domingos A. Fernandes. Vieram também acompanhando as secções, vários assistentes.

A sessão solene assistiram os Prelados. A consagração a Nossa Senhora fez-la a Presidente Nacional da Liga, D. Maria do Carmo Mesquita Moura. Finda a sessão o Assistente Nacional

leu um telegrama do Santo Padre em que abençoava a Liga e a peregrinação.

As dirigentes diocesanas ficaram ainda no Santuário durante 3 dias em retiro espiritual.

JUNHO

DIAS 2 E 3—Em peregrinação de agradecimento pela Paz veio ao Santuário a freguesia da Estrêla, com o seu Rev.º Pároco Cônego António de Campos.

DIA 8—As antigas alunas do Colégio de Jesus, Maria, José, de Lisboa, vieram fazer o seu retiro espiritual aos pés de Nossa Senhora. Foi conferente o Rev. P.º Júlio Marinho S. J.

DIA 10—Vindo de França chegou ao Santuário o Rev. P.º A. McLeay, sacerdote canadiano.

DIA 11—Com destino à Rodésia do Sul e território de Tanganika (África do Sul), chegaram ao Santuário seis sacerdotes da diocese de St. Galen, Suíça. Aproveitaram a passagem por Lisboa para virem visitar Nossa Senhora da Fátima. Dois são da Congregação de S. M. Bethlehem e 4 são beneditinos.

DIA 13—Principiou a tardinha o retiro espiritual para Servitas e outras senhoras. Foi conferente o Rev. Sr. Cônego Galamba de Oliveira. O retiro terminou no dia 17.

CRÓNICA FINANCEIRA

Acabamos de receber a informação sobre o «estado das culturas em 31 de Maio» do Instituto Nacional de Estatística e vamos comunicar aos nossos muito prezados leitores o que nela se contém de mais interessante.

Começemos pelos números relativos à extensão dos terrenos cultivados. Em relação ao ano passado, aumentou de perto de 3 por cento a área semeada de milho de sequeiro; a área de feijão de sequeiro diminuiu de 3 por cento; a de grão de bico diminuiu de menos de 2 por cento. Nestes géneros a diferença nas áreas semeadas não foi de importância.

No arroz é que o caso foi mais sério porque a área semeada baixou de 28 por cento! A falta de água deve ter contribuído em parte para esta baixa. Outra parte deve ser devida à carestia da energia e dos combustíveis necessários para as regas.

Quanto ao estado das culturas, os números não são tão maus como era de prever. Em relação ao ano passado, o estado das culturas de trigo e de aveia em 31 de Maio findo prometiam uma colheita inferior em 13 por cento à do ano passado. Se atendermos a que a última colheita foi má, a expectativa da actual não é boa, porque é pior, mas não é catastrófica, como certas notícias publicadas nos jornais faziam esperar.

A produção do centeio que o estado das culturas fazia prever na mesma data, é inferior à do ano passado em cerca de 2 por cento. A diferença é pequena. O mesmo se pode dizer da fava, cuja diferença para o mesmo não chega a 5 por cento. Na cevada, a queda prevista é já mais importante — 9 por cento.

Na batata de sequeiro, o estado das culturas em 31 de Maio p. p. fazia prever uma produção superior à do ano passado em perto de 5 por cento. As previsões quanto ao azeite, essas eram excelentes — aumento de 49 por cento! Infelizmente o calor e o vento suão que tem soprado nestes dias (estamos a escrever em 16 de Junho) deve ter causado alguns prejuízos nas oliveiras e na azeitona. Ainda assim, se não houver mais contratempos, as previsões continuarão optimistas.

A colheita do vinho que o estado das vindas em 31 de Maio fazia prever, é sensivelmente igual à do ano passado que foi uma boa colheita. Infelizmente os preços tendem a baixar, segundo corre, e a saída para França que ainda é de esperar, está demorada por falta de transportes. Além disso as coisas em França ainda não estão de feição à prosperidade dos negócios. As notícias que de lá vêm são muito poucas, e nem sempre boas. Ainda não há aquela atmosfera de tranquilidade e segurança que é indispensável para que os negócios com o estrangeiro se possam tornar fáceis e convidativos.

Mas de hora a hora Deus melhora, como diz o povo, e os jornais já noticiaram que a América estava comprando em França grandes quantidades de vinho. Por outro lado, as reservas de vinho em França devem ter sofrido grande desfalece durante a guerra, como aliás as dos países importadores, como a Inglaterra e a própria América, grandes clientes daquele país. A França, portanto, precisará no futuro próximo de comprar vinhos em Portugal e Espanha para refazer as suas reservas e para reexportar por conta própria. Não há, portanto, motivo para grandes sustos. Quem tiver vazilhas e puder esperar, não se precipite, nem se enforque. Espere. Pacheco de Amorim

A boa gente dos nossos Campos
Todos os lavradores devem ler o livro A FLOR DO CAMPO (Vida de Santo Isidro, Lavrador). Aprovado pela Igreja, instrue e faz um grande bem. Nele se apontam os males da Agricultura e seus remédios. É um tesouro.

A cobrança pelo correio custa apenas 5\$60. Escrevam um postal a Baltasar. Rua Bernardim Ribeiro n.º 77-1.º Esq. Lisboa N.

PALAVRAS MANSAS

Ao pé dos Santos

O retábulo do altar-mór da Sé tem uma grandeza imponente, mas amenizada graciosamente pelos labores do rocaille. Colunas, de quatro ou cinco metros de altura, numa disposição triangular em torno de uma pilastra central com colunas adornadas, apoiam-se dos dois lados, em bases largas e caprichosamente trabalhadas, que anjos-atlantes, modelados talvez por um discípulo de Miguel Ângelo, suporta com elegância e vigor.

Sobre os capitéis coríntios e entablamento clássico, em cujos extremos se firma um frontão quebrado a meio, para que surja, lá no alto, a Trindade sob um docel, com franjas D. João V. Anjos, flores, folhagens e grinaldas... Todo o douramento, que devia ser deslumbrador, vê-se agora esmaecido e patinado pelo tempo, que envelhece cada vez mais os homens e as coisas... Para melhor caracterizar o estilo, as colunas, são de modelação salomónica.

A arte perde por muito pobre e perde também por muito rica. Nem faustosa nem descarnada. A beleza da Acrópole ainda é hoje uma lição de equilíbrio. Pensem nela muitas vezes os que servem a arte com o seu esforço mais ou menos amoroso e com a sua protecção mais ou menos desinteressada.

A disposição das colunas do retábulo dá-lhe vida e movimento. Parece que vem ter connosco sobre os ombros dos anjos-atlantes. Dois andares a saírem para uma precissão sempre em projecto... Resulta assim elegante e leve o conjunto, que, com outro arranjo seria demasiadamente inestético e pesado.

Todo o retábulo serve de preciosa e inspirativa moldura a uma larga tela com a imagem da Padroeira — Nossa Senhora da Assunção, Nossa Senhora de Agosto, Nossa Senhora Alta como então se dizia. Nossa Senhora, já distante, sobre, levada pelos anjos, num triunfo radioso, para junto do seu Filho, para o seu reino de luz... Cá abaixo os apóstolos, em torno do túmulo vazio, de joelhos, olham para Ela e para o céu a chorar...

Numa catedral francesa, na ornamentação exterior, um cinzel inspirado deixou um grupo maravilhoso. Nossa Senhora adormecida, morta, como uma criança num berço, e, ao lado, Jesus, com um carinho radioso, muito da sua Mãe, a despertá-la docemente para Ela subir ao céu... A tela da Sé diz o mesmo. Mas a forma diverge por ser, entre nós, a forma tradicional em quasi todas as catedrais do país.

Um pobre servente da Sé, muito zeloso, há anos, lavou a tela que ficou logo mais atraente e mais linda. Depois fez-se incidir sobre ela a luz de um projector eléctrico, e vimo-la todos muito mais graciosa e mais bela.

Mas quando a Senhora prende e encanta, como nunca, é à tarde, à hora em que o sol entra pela rosácea, do mais puro recorte ogival,

e bate em cheio na tela, como que a dizer: — também quero vê-la, também quero ficar aos pés de Ela! Maria entre o nosso pobre sol e o sol eterno!

Há no retábulo monumental quatro estátuas, no mesmo plano, encomendadas ao escultor Laprada, que trabalhava em Lisboa no primeiro quartel do século XVIII. Mas parece que não passaram pela mão do mesmo artista. Duas — S. João Nepomuceno e S. Bernardo — afectadas e exuberantes, sobretudo nos panajamentos; as outras duas — S. Basileu e S. Bento — mais naturais, sóbrias e simples. Por um anacronismo então muito vulgar, vestem por modelos do século XVIII.

No lugar de honra S. Basileu, que a legenda diocesana diz ter sido discípulo de S. Pedro e primeiro Bispo do Porto. Não tem existência histórica, como tantos.

Mons. Duchesne, sempre preocupado com documentos e datas, historiador obstinado e rígido, investiu desapiedadamente com lendas do sul da França, que passaram pelos moldes da lenda de S. Basileu. Mas informa o P.º Bremond que lhe advieram de aí, para o fim da vida inquietações e amarguras sem conta.

Do mesmo lado S. Bento, de báculo na mão e mitra abacial aos pés. É um dos grandes patriarcas da civilização cristã. Já não há quem o recorde?... Parece mais distante, mais recolhido e triste o bom do santo, desde que reduziram a sua abadia de Cassino a um montão de escombros e de ruínas.

Do outro lado, S. João Nepomuceno, cônego da Sé de Praga, todo vibrante de energia sagrada e de destemor heróico. O segredo da confissão — está êle a ensinar — se tanto se faz mister, sela-se até com a morte.

Depois S. Bernardo também de báculo e mitra. Conselheiro de Papas e de reis. Luzeiro da cristandade. Parece que fala ainda a Afonso Henriques, aos cavaleiros das cruzadas e aos monges do Ocidente...

De visita à Sé, Benliure, o grande escultor espanhol, notou sobretudo a proporção das estátuas com a grandeza do retábulo. E que grandeza! Tãmanha, que logrou impressionar profundamente o conde de Raczynski.

Santos da Sé, que para muita gente sois apenas escultura ornamental, pedi a Deus que nos dê paz e que nos dê também paciência, que é a paz mortificada...

Correia Pinto



Substitua os seus antigos quadros religiosos pelas lindas imagens que Topázio criou. São maravilhas de arte para presentes de distinção. Veja se tem gravada a marca original

TOPÁZIO

A venda nas ourivesarias.

BRINDE GRATIS

Oferecemos lindo alfinete. Moderno.

Enviar 5\$00 em selos para portes e propaganda à Agência Geral — Régua

Quando precise de um jornal diário, o católico deve pedir sempre as «Novidades».

Este número foi visado pela Censura



RECEITA MEDICA com meio século de reputação em todo o mundo civilizado. Contem 10 ingredientes essenciais ao tratamento de todas as MOLESTIAS DE PELE.

IMPORTANTE: Se deseja ter a sua pele macia e aveludada, use o



Representante em Portugal

António Madureira

R. D. João IV, 602 — PORTO

LIQUIDAÇÃO

de toda a existência por motivo de obras



Peçam tabelas Liquidação

- Crepes da china estampados desde ... 18\$00
- Sedas lisas, várias, desde ... 14\$50
- Sourahs finos desde ... 27\$50
- Fazendas de lã desde ... 15\$00
- Riscados bonitos, camiseros desde ... 5\$50
- Algodões estampados desde ... 5\$70
- Meias de seda gase, desde ... 7\$60
- Meias algodão desde ... 2\$50
- Peugas algodão desde ... 2\$20

Rouparia para senhora homem e criança, almofadas, lençóis, panos atalhados, meias e sedas de todas as qualidades. Tudo em liquidação!

PROVINCIA E ILHAS, enviamos amostras e tudo pelo correio.

A Competidora das meias
R. Arco Marquês do Alentejo, 39-1.º LISBOA

Medalhas Religiosas

encontra-se à venda no Santuário da Fátima, toda a edição das preciosas medalhas religiosas, assinadas pelo escultor

JOÃO DA SILVA

Como DEUS

NOS FEZ SEUS FILHOS

por Moss.

In peccatis concepit me mater mea, diz o Salmista humilhando-se contrito diante do Senhor.

Todos nós vimos ao mundo marcados profundamente com a mancha do pecado original, triste herança dos nossos primeiros pais. Pecado de desobediência, de orgulho e ambição desmedida, deixou em nós, todos os germes do mal tornando-nos odiosos aos olhos de Deus. Embora individualmente inocentes por não termos por nós próprios cometido pecado algum, nascemos todavia inimigos de Deus porque, assim como de uma fonte turva e lodacenta jamais pode correr água límpida e cristalina, assim também nós, descendentes de pais prevaricadores, trazemos conosco a mancha original da sua prevaricação.

Todavia Deus, infinitamente justo mas igualmente misericordioso, quis dar-nos o remédio para tão grande infelicidade. Para isso permitiu que Seu Filho Unigénito viesse ao mundo, se fizesse um de nós para que na Sua carne passível sofresse e expiasse todas as nossas iniquidades e pagasse superabundantemente toda a nossa dívida para com o Pai celeste.

E Ele, o Filho de Deus feito Homem compadecido da pobre humanidade cujos sofrimentos compartilhara, acabou a Sua missão na terra, quis, antes de partir para Seu Eterno Pai, deixar-nos a Sua graça como remédio para todas as misérias e fraquezas, graça que corre abundante e inexgotavelmente da fonte sempre aberta do Seu divino Coração através dos sete canais que Ele próprio instituiu — os sete Sacramentos.

O primeiro e fundamento imprescindível ao edifício da nossa santificação, é o Sacramento do Baptismo, Sacramento que nos lava e purifica, pelos méritos infinitos de Jesus, do pecado de origem, nos reconcilia com Deus e transforma a nossa alma em templo vivo da Santíssima Trindade.

Altíssima dignidade a da alma baptizada. Quão pouco pensamos nela para todos os dias a agradecermos ao Senhor, para ciosamente a conservarmos e defendermos de todos os perigos que a rodeiam e ameaçam!

Se todos os pais a conhecessem e apreciassem como deviam, privariam dela voluntariamente e durante muito tempo os seus filhinhos. Excessivamente preocupados com questões de ordem material e por tanto secundárias, adiam para muito tarde a recepção do Baptismo impedindo assim que a graça vá purificar e revestir a alma dos seus pequeninos e arriscando-os muitas vezes a morrerem sem este bendito Sacramento que lhes abre as portas do Céu.

Inconsciência criminosa, ignorância indesculpável em pais cristãos, falta de amor para com os seus próprios filhos, daquele verdadeiro amor que se interessa pelo corpo mas que se interessa sobretudo pela alma.

Pais cristãos, compenetrai-vos seriamente das vossas tremendas responsabilidades neste assunto e não permitais que os vossos filhinhos recém-nascidos estejam muito tempo sem ingressar no grémio da Santa Igreja; não arrisqueis a sua felicidade eterna por um imperdoável desleixo da vossa parte.

Depois, sabeis escolher bem os padrinhos do vosso pequenino. Não vos preocupe a riqueza ou a generosidade dos seus presentes.

Procurai antes saber se eles são verdadeiros católicos praticantes.

(Continua na 4.ª página)

GRAÇAS DE N.ª S.ª DA FÁTIMA

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

Manuel Bernardo dos Santos e sua mulher **Maria da Glória Paulino**, Granja Nova, dizem que a sua filha **Maria Fernanda** de 5 anos em dezembro de 1938 foi atingida por um troço de pinheiro que pesava mais de 100 kg. Ficou como morta, deitando sangue pelo nariz, boca e ouvidos. Levaram-na, em perigo de vida, para o Hospital de Lamego, tendo o motorista parado o carro duas vezes durante o percurso, por a pequena não dar sinais de vida.

Examinada pelo médico **Dr. Zagalo**, este declarou à mãe e aos tios que a acompanhavam, nada haver de se esperar senão a morte. Entretanto levaram a menina para o Hospital onde lhe dizem o mesmo, mandando-os trazer ao Hospital a mortalha para a pequena. Louca de dor a mãe recorre a Nossa Senhora da Fátima rogando-lhe a cura da filhinha.

No dia seguinte voltou ao Hospital com a mortalha, e, com espanto de todos, a menina tinha melhorado e ficou sem defeito algum.

D. Delfina da Conceição, Aguiar de Sousa, estando gravemente doente por ter ficado debaixo de um carro de bois, e confiando unicamente em que só Nossa Senhora da Fátima a curaria, tomou parte numa peregrinação à Fátima. Ali foi examinada pelos médicos e internada no Albergue. No momento em que recebeu a bênção do Santíssimo Sacramento diz: «senti em mim subir um calor por todo o corpo e logo me senti curada, levantei-me e fui para casa e desde então não tomei mais remédios; e isto há mais de 12 anos! Graças a Nossa Senhora encontro-me completamente curada».

Francisco Manuel de Almeida, Foz-coa, tendo um seu filho que era acometido de ataques epilépticos havia 8 anos, repetindo-se esses ataques 4 e 5 vezes por dia, recorreu a Nossa Senhora da Fátima que o curou. Já passaram 2 anos sem que voltasse a repetir aquele mal. Cheio de reconhecimento já foi à Cova da Iria agradecer a Nossa Senhora e vem hoje tornar público o seu reconhecimento.

João Antunes Lopes, Carregal, diz que tinha uma filha de 6 anos de idade que ainda se não sustentava em pé nem caminhava. Tendo consultado vários médicos de Coimbra e de Lisboa de nada lhe valeram os remédios receitados. Sucedeu que uma pessoa amiga foi à Fátima e trouxe de lá água que ofereceu para aplicar à menina. Com grande fé e pedindo a cura a Nossa Senhora, aplicaram a primeira vez a água à criança e ela conseguiu pôr-se em pé; no dia seguinte novamente lhe aplicaram e a pequena já deu alguns passos, uma terceira vez, e principiou a andar como as demais crianças da sua idade. Maravilhados e reconhecidos a menina e seus pais já foram à Cova da Iria agradecer a Nossa Senhora da Fátima.

Ir. Maria Isabel de Jesus Crucificado, Religiosa 3.ª Dominicana, do Sanatório Sant'Ana, Parede, escreve em 27 de março de 1938: «A 10 de fevereiro de 1937 adoei com gripe, e no dia 12 sobrevieram-me dores agudíssimas de cabeça e do ouvido esquerdo. Consultado o médico do Sanatório, sr. dr. Almeida Ribeiro, este foi de opinião que devia consultar um especialista de ouvidos.

Fui ao sr. dr. Ary dos Santos que na segunda consulta declarou tratar-se de uma *masitoidite*, precisando de ser operada com urgência, pois o perigo era grande. Passava os dias e as noites no meio de grande sofrimento. A supuração era continua pelo ouvido, nariz e boca. Não podia baixar a

cabeça, parecia-me ter nela um grande peso. No dia 20 do mesmo mês voltei ao mesmo especialista acompanhando-me a minha Superiora a fim de combinar a operação. O médico achou-me o ouvido um bocadinho melhor e fez-me um tratamento com injeções e 3 lavagens por dia tentando evitar a intervenção cirúrgica.

Durou este tratamento um mês, mas as dores, a supuração e o mal-estar geral continuavam. Durante este tempo não deixei de fazer novenas a Nossa Senhora, pedindo-lhe a minha cura, e aplicava no ouvido água da Fátima, ao mesmo tempo que rezava o «Lembra-vos» ou 3 Ave-Marias. A minha Superiora mandou-me prometer ir pessoalmente à Fátima agradecer a minha cura.

Senti algumas melhoras, diminuindo a supuração. No dia 23 de Abril, porém, apareceram, de novo as dores e fui ter com o sr. dr. Ary dos Santos que disse ser indispensável a operação, pois, caso continuasse assim, poderia advir uma meningite.

Foi marcada para o dia 18 de maio a operação. Fiz ainda outra novena a Nossa Senhora, com toda a fé. Receava muito a operação e custava-me muito ir para o Hospital.

Entretanto, chegou o dia marcado para eu dar entrada no hospital. Depois de me despedir da minha comunidade, fui à capelinha rezar a Nossa Senhora da Fátima. No dia seguinte, às 10h encontrava-me na sala das operações do hospital. Estavam lá o sr. dr. Ary dos Santos e seu filho também médico. Mais uma vez me examinou minuciosamente o ouvido dizendo, muito admirado: «O ouvido está bom!». O outro médico examinou também, e disse o mesmo: «via-se apenas uma coisa pequenina ao longe, que ainda não estava seca; entretanto, tendo introduzido uma mecha esta saía limpa. Mandaram-me desligar e sair da marquês, dizendo-me o médico: «Sabe a quem tem de agradecer?» ao que eu prontamente respondi: «A Mãe do Céu a quem tanto pedi». «A irmã sempre se livrou duma!», rematou o médico.

Depois deram-me os parabéns e pediram que rezasse por eles.

Fiquei ainda em Lisboa 8 dias nos quais fui sempre examinada.

Quando eu pedia a minha cura a Nossa Senhora, tinha-lhe dito que me não importava de ficar surda. Assim sucedeu e eu estava conformada. De volta do Hospital aconselharam-me que pedisse a Nossa Senhora a cura da surdez. Eu disse então à Mãe do Céu: «Eu não me importo de ficar sem ouvir, mas os meus superiores querem que eu ouça, por isso vos peço, boa Mãe, mais esta graça».

Desde essa mesma tarde fiquei a ouvir perfeitamente.

Já lá vão 10 meses e nunca mais senti nada no ouvido.

No dia 8 de outubro voltei a ser examinada pelo sr. dr. Ary dos Santos que confirmou a minha cura.

A 13 de outubro fui à Cova da Iria agradecer a Nossa Senhora, como lhe tinha prometido.

Agradecem a Nossa Senhora da Fátima as graças recebidas

- D. Carolina Costa, Lisboa.
- D. M.ª Ferreira dos Santos Neves, Ilhavo.
- D. Maria de Paiva Vinhas, Alfêna.
- D. Maria Isabel Ramos, Póvoa de Varzim.
- D. Maria Amélia P. A., Pico.
- D. M.ª da Glória Sarmiento Novais, Pico.
- D. Virginia de Noronha, S. Jorge.
- D. Dorothea da Luz Belo, Calheta.
- D. M.ª Gonçalves Perfeito, Zebal.
- D. M.ª Eduarda de Figueiredo, Oliveira.
- Ant.ª Alves Pinto, Mesão Frio.
- D. Cecília da Conceição, Espinho Grande.
- D. Ester Alves Oliveira, Anadia.
- D. M.ª da Glória, Pêro.
- D. M.ª da Madre de Deus de Carvalho, Guimarães.
- D. M.ª Ilda C. Mendes Andrade, Agueda.

O Pudim DE BATATA

Depois de uma noite tempestuosa, imprópria da quadra, o dia rompera magnífico, de sol refulgente, de céu sem uma nuvem. Mas D. Mariana, abrindo a janela do quarto e saindo à varanda ainda de roupão e papélotes — por antipatia sistemática pelas «permanentes» — não ganhava melhor disposição.

Contudo o espectáculo em frente dos seus olhos era de maravilha, capaz de fazer brotar do coração mais empedernido hossanas de louvor e gratidão ao Criador: uma profusão de flores, uma variedade de verduras, uma intensidade de azul, uma pujança de natureza, uma paz deliciosa.

Que cuidados atormentariam então a pobre senhora?

Coisa muito simples: o sobrinho, a quem ela queria como filho, ia casar e a noiva não era do seu agrado. Conhecida-a de perto; muita vez, de pé descalço, lhe viera à porta fazer qualquer recado e por fim estivera a servir em casa da professora.

Era a humildade da condição de rapariga que vexava D. Mariana. Não que ela fizesse muito caso de pergaminhos — que os possuía — mas enfim, sempre era uma grande diferença de meio social.

Ali vinha sempre passar o verão com o sobrinho e desta vez sem criada. Este facto, porém, não lhe dava cansa pois dia a dia, pela camioneta, lhe vinha da cidade, pouco afastada, uma sua ex-cozinheira que a servia a primor.

Assim tinha anuído ao desejo do sobrinho de convidar a noiva e o pai para o almoço daquele dia em que é e fazia anos.

A esse respeito estava a senhora perfeitamente tranqüila. A Júlia trazia-lhe as compras, o pão fresco, algumas coisas já meio preparadas — era na verdade um descanso.

D. Mariana tomou o café com o sobrinho, que logo achou melhor sair sob qualquer pretexto a fim de evitar ainda recriminações, e passou a fazer a sua «toilette» com todo o esmero e vagar.

Demorava-se em frente do toucador quando ouviu buzinar a camioneta. Olhou o relógio — estava na hora. Nem um minuto de atraso.

Apressou-se a descer a cozinha mas não teve tempo e ficou-se no primeiro degrau da escada como uma estátua: a camioneta não tinha parado, a cozinheira não viera!

Se estivesse só, D. Mariana, com uma tal contrariedade, pôr-se-ia a gritar pelas casas todas e quem sabe mesmo se iria até permitir-se um ataque de nervos. Mas assim fez violência sobre si própria e quedou-se a examinar a situação.

Não havia por ali perto senão umas miseráveis choupanas e ainda que tivesse quem mandasse à aldeia nada a bem dizer haveria por lá que se comprasse.

Olhou de novo o relógio; 10 horas. E o almoço estava marcado para o meio-dia e meia! Demais, com a sem-cerimónia do campo e tratando-se de gente com pouco uso de praxes, os convidados não tardariam em aparecer.

D. Mariana passeava agora aflita de um lado para o outro sem saber que resolução tomar. Ainda se houvesse por ali um carro que os levasse a almoçar à cidade...

E dava mil voltas à imaginação, considerando todas as soluções menos a de se pôr ao trabalho, e, recorrendo ao que tinha em casa, cozinhar por suas mãos o almoço. Nunca se dera a esses serviços, nunca pensara na utilidade de se afazer a eles, quanto mais agora já dobrado o cabo dos cinquenta!

E estava só! Para onde teria ido o sobrinho em vez de ficar ao pé dele para qualquer dificuldade que surgisse?

Passando a esvaziar a sua cólera

sobre o pobre rapaz, assomou então de novo à janela e avistou-o na estrada ao lado da noiva e do pai, todos três avançando em animada conversação.

A idéia de fugir ou de se meter na cama fingindo-se doente levou-a a recolher-se precipitada, mas quasi sem dar conta, automaticamente, desceu ao encontro do grupo e beijou amável e risonha a futura sobrinha que, graças aos seus dotes físicos e a uma pequena herança se apresentava quasi como um rapariga de meio superior.

Instantes depois e como esta e o pai se entretivessem admirando o jardim, D. Mariana puxou o sobrinho de parte e, com o olhar fulminante como se fôsse ele o culpado de tudo, disse-lhe à queima-roupa:

— Não temos almoço! A Júlia não veio!

— Não veio! repetiu o rapaz assombrado.

Logo, porém, o rosto se lhe expandiu e risonho voltava-se para a noiva:

— Guida! A tia está ralada porque estamos sem criada e a mulher a dias não aparece... Mas tu és capaz de resolver o caso, não é assim?

— E as compras? É que ela nem mandou as compras!... — gaguejou D. Mariana.

— Sempre se há-de arranjar alguma coisa! disse então alegremente a rapariga. Dá licença que me ponha em campo, não é assim?

Quasi sufocada, D. Mariana, com um riso amarelo, apenas pôde curvar a cabeça em sinal de assentimento.

Com um grande avental, toda feliz e sorridente, Margarida começou por acender o pequeno fogão e, enquanto ele ateara, deu volta aos armários da cozinha e da salinha de jantar e por fim ao pequeno quintal nas trazeiras da casa, acompanhada do noivo, não menos radiante.

O estio precoce tinha já marcado tudo com o seu bafo mas a chuva da véspera levava a poeira e as covas ofereciam uns olhitos aproveitáveis. Estavam na conta para um caldo verde... E ela que sabia cortá-lo tão fininho...

Uns tomates verdoengos — que, para salada são os melhores — e mais nada!

Mas na capoeira havia ovos... e havia que matar. Para isto, contudo, e que os dois noivos ressumando felicidade, não sentiam disposição alguma.

— Como há-de ser? — inquiria ele. — Não se mata nada! — resolvia ela.

E fazia a ementa:

— Caldo verde; com aquele pão duro e o chouriço; uma bela agorda enrolada e tostada; depois a salada de tomates, uma omelete e batatas fritas. E um pudim também de batata, para a sobremesa... Temos bastantes ovos... Que tal?

— Óptimo! Esplêndido!

Entretanto D. Mariana, procurando distrair o futuro sogro do sobrinho e distrair-se a si própria la conversando mas enviezando olhares para todos os lados, numa preocupação que não conseguia disfarçar.

Por fim chegou-se a hora de pôr a mesa e então é que não teve remédio senão dar-se ao incómodo de se mexer e pôr ao alcance de Margarida os objectos necessários...

E o almoço cheirava tão bem e foi por todos saboreado que D. Mariana não regateou elogios à jovem cozinheira, nem nesse dia, nem sempre que dela falava como a mais completa dona de casa que o sobrinho poderia ter escolhido.

E tratando-se de receitas de doceria nunca deixava de dizer:

— Aquêlê pudim de batata que a Guida fez! Não imagina, que especialidade!

M. de F.

ACÇÃO CATÓLICA BENDITO SACRIFÍCIO

Durante os três anos do seu apostolado procurou o Senhor unir os apóstolos no mesmo pensamento e na mesma acção. No entanto, eles eram homens, e por isso sujeitos às fraquezas da humanidade. O Evangelho refere, umas vezes com clareza, outras implicitamente, que, longe dos mistérios de Deus, cada um deles pensava demasiadamente em si mesmo, procurando realizar pobres ambições terrenas.

Mas a união do espírito era tão necessária, que, ainda no impressionante discurso da Ceia, Jesus fervorosamente pede ao Pai que lhes conceda essa graça. E o Espírito Santo que lhes mandou, conforme a promessa feita, veio realizar esse desejo ardente. Foram então iluminados de luz sobrenatural e consumados no amor de Deus. A modificação foi profunda e definitiva.

Quando se notam divergências e até rivalidades, pode haver fentações de tristeza e de desânimo; mas, ao recordar o exemplo dos apóstolos, tardos de coração e rudes de entendimento, até ao dia de Pentecostes, apesar das lições luminosas do Pedagogo divino, sente-se o dever de continuar a pregação oportuna e importuna da unidade de pensamento, de vontade, de acção.

Há que atender à fraqueza da nossa humanidade enferma. Somos espíritos incarnados. O espírito pode estar pronto, mas a carne é fraca. A unidade exige por vezes abdicção das opiniões próprias, para seguir o pensamento superior que é ditado pela Autoridade. E isso fere o nosso orgulho. Pois se geralmente cada um supõe ver os problemas melhor do que todos os outros!... Pode reconhecer-se a fragilidade da vida, mas dói intensamente que se nos negue subtil agudeza de espírito.

A unidade reclama docilidade de vontade, que se verga perante a vontade alheia. E essa atitude apresenta-se-nos com frequência como renúncia humilhante. Até se invocam razões solenes de legítima altivez e de honra inalienável, para *querer* o que se *quere*, desprezando a ordem e conselho que se nos dão. E, no entanto, tão grande altivez e tal espírito de honra não raro encobrem censurável amor-próprio.

A unidade impõe a acção comum que se prometeu realizar, talvez com juramento. Mas esta acção, partindo da iniciativa alheia, dá-nos a impressão de que diminui a nossa personalidade ou deixa em plano secundário o grupo que servimos com paixão.

Talvez professemos com palavras submissivas pronta e generosa, talvez digamos ser-nos fácil obedecer e dolorosamente penoso mandar. Todavia, os factos provam o contrário. E até nos parecerá que se fôssemos nós a orientar o Movimento que servimos, as dificuldades desapareceriam e o triunfo retumbante e decisivo seria certo e rápido.

Não há que duvidar: O trabalho de colaboração exige larga e compreensiva magnanimidade de alma, porque têm de limar-se as arestas do nosso temperamento e de abafar-se o natural ardor do nosso egoísmo.

Damos largas ao orgulho funestamente personalista? Ficamos li-songeados, mas o bem geral sofre com isso, e talvez a alma se sinta penalizada e inquieta. Supondo-nos vencedores, seremos afinal pobres vencidos.

Dominamo-nos com energia? O Movimento pode contar conosco e no termo dessa luta, de nós contra nós, encontra-se a consolação do dever que se cumpriu.

Bendito sacrifício o que se faz, para que se ouça, e se siga, e se ame, a voz sábia e inspirada da Igreja.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis

COMO DEUS NOS PEZ SEUS FILHOS

(Continuação, da 2.ª página)

de moralidade irrepreensível, conhecedor dos seus deveres de pais, para, no caso de N. Senhor vos chamar cedo à Sua presença, irdes tranqüilos na certeza de que eles velarão pela formação moral e religiosa do seu afillhado, ensinando-o a conhecer, a viver e a cumprir aquelas promessas solenes que em seu nome fizeram no dia grande de seu Baptismo.

Escolhei também com critério e seriedade o nome do vosso filho.

É como que um hábito que terá de usar sempre pela vida fora e quantos ao atingirem uma certa idade e conhecimento não se lamentam do seu nome incarácterístico e exótico. Se a gente ouve por aí tanto nome ridículo e que nada nos diz, tanto nome estrangeirado como se na nossa língua não tivéssemos muitos e lindos nomes, nomes portugueses e nomes cristãos.

TIRAGEM DA VOZ DA FÁTIMA

NO MÊS DE JUNHO

Algarve	7.685
Angra	19.150
Aveiro	7.154
Beja	5.264
Braga	47.987
Bragança	8.750
Coimbra	10.744
Évora	4.013
Funchal	9.686
Guarda	13.872
Lamego	7.508
Leiria	10.817
Lisboa	14.055
Portalegre	10.251
Pôrto	41.151
Vila Real	15.764
Viscu	5.006
Total	238.857
Estrangeiro	3.622
Diversos	11.121
Total	253.600

Palavras de um Médico CONVERSANDO

(3.ª série)

VIII

Racismo

No «Jornal do Médico» (5-V-45), o meu jovem e distinto colega Dr. Valdemar Pacheco faz uma crítica notável ao volume II das «Palavras de um Médico». O que mais apreciei nessa análise foi a franqueza que manifestou discordando da doutrina que defendi no artigo, que tem o mesmo título deste (citado volume, pág. 17).

O problema das raças é realmente muito complexo, quer sob o ponto de vista antropológico, quer sob o ponto de vista político. E os sábios e os políticos das diversas nações têm procurado resolvê-lo de diferentes maneiras.

Enquanto na Alemanha, nos Estados Unidos, na Itália, as raças exóticas eram perseguidas, a ponto de, nas duas primeiras nações, com pretexto de pretendidas regras de eugenia, se chegar a proceder a brutais mutilações, na França da «Liberdade, Igualdade, Fraternidade» as uniões com as raças das colónias eram inteiramente permitidas.

Enquanto uns antropologistas anatematizavam os cruzamentos de raças, outros achavam que eles eram benéficos; e citavam muitos mulatos de grande talento, que apareciam em países novos, como o Brasil.

Creio que todos exageravam, e que o problema tem de ser pôsto de novo, depois da tragédia que subverteu o mundo. A eugenia é uma ciência atrasadíssima, e não podemos compreender como, de um casal de indivíduos insignificantes, pode provir um santo, um sábio, um artista ou um bandido.

Já tive ocasião de demonstrar (1) a influência nefasta que tiveram as raças exóticas na decadência de Portugal.

— «Houve assim tão grande entrada de sangue estrangeiro?» — pergunta Valdemar Pacheco.

Certamente que houve. Com as navegações portentosas do Infante D. Henrique entraram em Portugal centenas de milhares de escravos negros. E, só no reinado de D. João II, entraram no nosso país duzentos mil judeus expulsos de Espanha.

O Português da era gloriosa da Dinastia de Avis era lavrador, marítimo e soldado. O judeu era traficante e agiota, e o negro era inteiramente selvagem. Misturado com estas raças, o Português perdeu o primitivo carácter, entrando em franca decadência.

Foi tal o êxodo dos Portugueses legítimos, por causa das navegações grandes que fizeram, foi de tal ordem a entrada de sangue estrangeiro que levou Garcia de Resende a produzir esta lamentação:

«Vemos no reino meter tantos cativos crescer, e irem-se os naturais, que, se assi for, serão mais eles que nós, a meu ver».

Lisboa estava pejada de negros e judeus, que muito perturbaram o equilíbrio étnico do Povo português.

Na Sociedade de Antropologia de Paris, houve quem dissesse que os Portugueses eram de origem moura, berbere e egípcia.

E o humanista Clenardo afirmou que, no Século XVI, Portugal estava tão cheio de judeus e de mouros que parecia que, em Lisboa, havia mais escravos daquelas raças do que Portugueses livres.

Com efeito, informa Leite de Vasconcelos que, no fim daquele glorioso Século, a população de Lisboa era de 200.000 habitantes, sendo um terço de negros, outro terço de cristãos-novos, e apenas um terço de autênticos Portugueses!

É por isso que, no célebre Mapa das raças da Europa, von Eickstedt colocou um estigmatizante círculo ne-

A Obra da Paz

pela luta interior nas almas

Uma das manifestações consequentes do Após-Guerra na Europa é a atitude de expectativa inquieta sobre o que virá a ser resolvido nos anunciados Cenáculos internacionais acerca do destino dos povos como se tudo o que tenha de suceder não seja principalmente determinado pela vontade e acção individual de cada um de nós, pelo balanço dos esforços dos cidadãos em cada Nação, e pelo contributo da ordem de cada Nação e de cada Continente para toda a Humanidade. Ainda que se pense o contrário, é assim mesmo, com mais ou menos voltas, mas inevitavelmente assim, pelo império das leis morais da vida.

A provocação das guerras vem sempre de povos em que os homens se deixam guiar e se educam de preferência por ambições de domínio em formas de nacionalismo mais ou menos exaltado. Esquecem-se da justiça que é dever de vida humana e da sociabilidade que é imperativo de direito natural. Dêste modo as guerras movem-se como espadas de dois gumes: começam por ódios e por ódios acabam, reproduzindo-se em novas guerras.

Para as afastar só há um caminho de eficácia certa: é ir até às almas, individualmente consideradas, e nelas reprimir, disciplinando, as paixões que dão o ódio e a ambição.

Isto, porém, não se faz apenas pelo estabelecimento da ordem jurídica, mas sobretudo pelo estabelecimento da ordem moral que foi em qualquer tempo a eterna garantia da paz.

Quando esta ordem falte, numa medida de justo equilíbrio, tudo falta: nem os indivíduos chegam a entender-se a si próprios, nem as famílias conseguem manter a unidade dos seus lares, nem as nações podem descansar com confiança umas nas outras; a existência humana passa a ser como de quem, atravessando lugares vulcânicos, sentisse, persistente, debaixo dos pés, o soturno fragor das lavas que se arrastam no sub-solo.

Vêde, sob o ponto de vista moral, como vai a nossa velha Europa, esta Europa que foi a metrópole das mais altas civilizações do Orbe!

Os respectivos povos, quando mais urgente se tornava a necessidade da sua união, dividem-se agora, em lutas intestinas de paixões violentas, que ameaçam de ir ao aniquilamento. Parece, por vezes, que nem nasceram na mesma Pátria!

O Santo Padre Pio XII, dirigindo recentemente uma mensagem aos católicos franceses, advertte com a sua indiscutível autoridade: «O destino da vossa Pátria achase em vossas mãos!»

O mesmo é de concluir para os católicos dos outros Países e especialmente de Portugal.

E digo «especialmente de Portugal», porque Portugal, na sua fidelidade à Igreja, nestes agitados dias da nossa vida, tem tido, pela maravilhosa mediação e protecção de Nossa Senhora da Fátima, o claro benefício da paz à face da maior e mais universal guerra de todos os tempos; e, em épocas passadas, primou sempre por práticas de piedade e trabalho que atraíram as graças do Céu e lhe abriram o caminho para a realização de uma das mais gloriosas missões de progresso sobre a terra.

É lembrar, por exemplo, uma comemoração própria deste mês. No 3.º domingo de julho de cada ano reza a Igreja do «Anjo Custódio de Portugal», cantando numa das suas antífonas:

«Bendito seja o Senhor que, pelo Anjo da Salvação, visitou o nosso povo e a nossa Nação e a libertou das mãos dos seus inimigos e dirigiu os nossos passos pelo caminho da paz».

A esta comemoração se associava directamente o próprio Estado determinando pelas suas ordenações aos municípios do País «que em cada ano, no 3.º domingo de julho, se faça solenemente memória desse Anjo, nosso Guardador, e no qual dia, além da muita solemnidade que em todas as igrejas se fará, se há-de fazer também sone e devota procissão e porque nós desejamos muito, e queríamos, que esta procissão se fizesse com muita honra e devoção, rogamos muito e encomendamos que a celebres e honreis o mais que honestamente e a serviço de Deus se poder fazer, mandando ao povo que vão à dita procissão».

Desta maneira se escreveu a Carta Régia de 23 de maio de 1516. Um povo, que se reconstituiu dentro destas piedosas tradições e tem como centro das suas almas o Santuário da Fátima é, seguramente, um povo de predilecção para Deus.

Que Portugal, pois, correspondendo a estas divinas graças pelo exercício de todas as virtudes individuais e sociais, possa, como sempre, continuar a sua gloriosa história e o seu eterno destino.

A. Lino Neto

Voz da Fátima

DESPESAS

Transporte	2.974.949\$75
Papel, comp. imp. do n.º 273	22.104\$40
Franq. Emb. Transporte do n.º 273	3.303\$59
Na Administração	445\$00
Total	3.001.802\$74

gro por baixo do Rio Tejo, a indicar a influência negra na população de Portugal.

Fica assim explicado e actualizado o meu pensamento aqui expresso há cinco anos.

J. A. Pires de Lima

(1) J. A. Pires de Lima, Influência dos Mouros, Judeus e Negros na etnografia portuguesa (Congresso Nacional de ciências da população, Pôrto, 1940).